

SAGUI-CAVEIRINHA

Naquela tarde meu pai retornou não somente com as grandes toras para a serraria, mas também com um sagui que ele capturou não sei como. Eu era criança e fiquei encantado com o bichinho, que meu pai colocou numa espaçosa gaiola com vários poleiros e uma grade fronteiraça em que o sagui se enganchava para olhar o exterior. Hoje eu iria brigar para que ele fosse devolvido à natureza, porém naquele tempo achava-se natural mantê-lo encarcerado como bichinho de estimação. Meu consolo é que não lhe faltavam comida para se alimentar e água para beber. Lembrei-me desse fato ao ler recentemente que foi encontrado um exemplar de sagui-da-serra-escuro, popularmente conhecido como sagui-caveirinha, animal em risco de extinção, na mata a ser inundada em cerca de 50 campos de futebol pela construção de barragem no Ribeirão Piraí, em Salto SP. Nos dias em que a aludida obra permaneceu embargada pelo Ibama, estabeleceu-se um plano de resgate da espécie, tendo sido encontrado mais um exemplar de sagui-caveirinha, de permeio com vários exemplares da espécie comum, ou seja, do sagui-de-tufos-pretos. Foram todos levados ao Centro de Reabilitação de Animais Silvestres - Cras, da Universidade do Vale do Paraíba - Univap, em São José dos Campos. O plano cuidadosamente pensado pelos veterinários foi de esterilizar os saguis comuns, que podem ser encontrados em toda Mata Atlântica, a fim de que não cruzem com os “saguis-caveirinha”, e após devolver estes últimos às matas do pacato Município de Salto, monitorá-los por um ano. Oxalá o plano tenha sucesso e o lindo animalzinho se reproduza, deixando de estar em perigo de extinção.

Muitos outros animais silvestres estão ameaçados de desaparecer, a continuarem as coisas como hoje estão, como

nossa onça pintada, o bonito mico-leão-dourado, a elegante ararinha-azul, o astuto lobo-guará, o tatu-bola e tantos outros. É que as florestas, seu “habitat” natural, onde se reproduzem e encontram meios de subsistência, vêm sendo gradativamente derrubadas a fim de o local servir de pasto, de área agricultável ou ainda para expansão urbana. O lamentável fenômeno ocorre também na caatinga, “morada” natural de outras espécies. E não se restringe somente ao Brasil. Com efeito, só para citar um exemplo, quem imaginaria, há alguns anos, que o belo urso-polar também viria a estar em risco de extinção em virtude do gradual derretimento das calotas polares?

A partir do momento em que a humanidade começou a interferir, sem medir as consequências, no equilíbrio da natureza, teve que enfrentar muitos problemas, alguns até que contornáveis, porém outros extremamente graves, como enchentes avassaladoras e secas prolongadas, causadoras de muita destruição e mortes.

Não ignoro que, com o aumento exponencial da população do planeta, que precisa ter meios seguros de subsistência, é inevitável que se tenha que mexer eventualmente no equilíbrio natural das coisas. Mas isso só deve ser feito com planejamento prévio, que avalie todas as consequências do ato. Infelizmente, não é o que tem acontecido, uma vez que muitos empreendimentos, ditados somente pela cobiça humana, que só tem olhos para o lucro fácil, não se incomodam com a dilapidação do meio ambiente, cujos resultados são extremamente graves.

É louvável que as pessoas se preocupem com a preservação das espécies ameaçadas. Mas é preciso que foquem também, e de forma mais ativa possível, na preservação da natureza, pois esse comportamento implica, ainda que a longo prazo, na preservação da própria espécie humana. Não se trata

de catastrofismo. São muitos os cientistas que afirmam estarmos não muito distantes do “point of no return”, a partir do qual já precisamos começar a fazer as malas. Mas para onde? É por isso que não cesso de me perguntar, quando medito sobre o assunto, quanto tempo ainda nos falta? Ou será que esses cientistas - eles também são humanos e portanto falíveis - estão enganados, e ainda a humanidade pode consertar tudo? Que vocês acham?

Viganó
darly.vigano@gmail.com